



O delegado Alcides Cintra Bueno Filho anotou em um relatório do Deops (Departamento Estadual de Ordem Política e Social) que o guerrilheiro "surgiu oficialmente na subversão em 1/5/1968, quando dirigiu a baderna na Praça da Sé". Fotografado pelo Deops no 1º de Maio, Marquito em seguida mergulhou na luta armada, uma das várias formas legítimas de confrontar a ditadura.

Até a sua morte, como recordam companheiros, participou de numerosas ações de recolhimento de fundos para financiar a ALN. Comandou assaltos – ou “expropriações”, como preferiam muitos militantes – a trem e carros pagadores, pedreiras e agências bancárias. Em 1º de julho de 1968, dois meses após a batalha da Sé, esteve lado a lado de Carlos Marighella (1911-69) quando o tarimbado revolucionário baiano anunciou a ação em um banco na avenida Angélica, em São Paulo. Teve a ideia de outra ação ao assistir a um filme.

Como o dinheiro arrecadado se destinava sobretudo a preparar a guerrilha no campo, Marquito complementava sua parca renda carregando caixotes de frutas e hortaliças no Ceasa, o centro estadual de abastecimento da cidade de São Paulo.

O grupo de fogo da ALN se denominava GTA (Grupo Tático Armado). O primeiro comandante do GTA foi morto em janeiro de 1969 ao bater na porta do apartamento de um companheiro, na capital paulista. A equipe policial que o tocou era chefiada pelo investigador Raul Nogueira Lima, vulgo Raul Careca, famigerado torturador e integrante do ultradireitista CCC (Comando de Caça aos Comunistas).

Nogueira Lima alegaria que nenhum tiro foi disparado nas costas de Marquito, versão desmoralizada pelo laudo da necropsia.

Em 2004, a Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, do Ministério da Justiça, julgou que o guerrilheiro fora executado, quando poderia ter sido preso, se fosse o propósito dos seus perseguidores.

Ao lançar seu “Minimanual do guerrilheiro urbano”, em junho de 1969, Carlos Marighella não se esqueceu de quem escolhera para comandar originalmente o GTA: uma das dedicatórias da brochura, traduzida em dezenas de países de todos os continentes, reverencia a memória de Marcos Antonio Braz de Carvalho, o superguerrilheiro Marquito.



Sábado Resistente: “45 anos do 1º de Maio na Praça da Sé”
Memorial da Resistência de São Paulo - 4/5/2013



MARQUITO

guerrilheiro do 1º de maio

Entre o fim de janeiro e o início de fevereiro de 1969, os muros da cidade de São Paulo amanheceram pintados com mensagens como “Comandante Marquinho será vingado”, “Marquinho é o nosso Guevara” e “Marquinho não morreu”.

Os autores clandestinos das pichações, que se arriscavam a ser presos e castigados pela ditadura em vigor, homenageavam o líder guerrilheiro fuzilado pouco antes pela polícia política paulista, no entardecer do dia 28

de janeiro: o metalúrgico Marcos Antonio Braz de Carvalho, 30 anos de vida completados no comecinho do ano.

Marcos Antonio fora o primeiro comandante militar da organização que viria a ser batizada como ALN (Ação Libertadora Nacional), o maior agrupamento armado de combate ao governo instaurado com o golpe de Estado de 1964. Era mais conhecido pelos companheiros como Marquito, Pedrinho e Marquinho.

No dia 1º de maio de 1968, Marquito liderou o movimento que se contrapôs a um ato público chapa-branca em que a maior estrela seria o governador Roberto de Abreu Sodré, da Arena, o partido oficial da ditadura



A ditadura havia sido apresentada a ele numa manifestação na Praça da Sé, em maio de 1968. Marquito foi um dos mais audazes militantes que, com ou sem armas na mão, desafiaram a ditadura que se estendeu até 1985. Mesmo assim, consolidou-se um abismo entre sua relevância histórica e o papel conferido a ele em parte da historiografia e da memorialística do período. Um dos motivos foi o assassinato por agentes da ditadura de correligionários próximos, como João Leonardo da Silva Rocha, Arno Preis, João Antônio Abi-Eqab, João Carlos Cavalcanti Reis e Virgílio Gomes da Silva, todos da ALN. Eles não sobreviveram para ajudar a contar a trajetória de Marquito.

O menino Marcos Antonio nasceu na casa da família, em Angra dos Reis (RJ), em 5 de janeiro de 1939. Gostava de literatura, em particular do mineiro João Guimarães Rosa, e cinema. Formado técnico em mecânica no ensino médio, mudou-se em 1967 do Rio de Janeiro para São Paulo, onde se matriculou em um curso superior de engenharia e procurou emprego. Na indústria Brown Boveri, em Osasco, desenhou ferramentaria pesada. Já não labutava lá em julho de 1968, quando os metalúrgicos cruzaram os braços, na célebre greve daquele bastião operário.

Andava sem tempo para um dos seus prazeres, colecionar selos. No Rio, expu-

sera seu apreciável acervo em um museu. Em São Paulo, mostrou estampas da União Soviética a amigos e presenteou alguns deles com nacos da coleção de filatelista.

Não era o trabalho como desenhista mecânico o que mais lhe ocupava, e sim a militância política, à qual dedicava todos os segundos disponíveis. No dia 1º de maio de 1968, Marquito liderou o movimento que se contrapôs a um ato público chapa-branca em que a maior estrela seria o governador Roberto de Abreu Sodré, da Arena (Aliança Renovadora Nacional), o partido oficial da ditadura.

Nomeado sem ter granjeado um só voto popular, pois o governo extinguiu a

eleição direta, Abreu Sodré pretendia encarnar em um palanque da Praça da Sé os valores do Dia do Trabalhador. Agremiações políticas e sindicatos combativos agiram para transformar a fanfarronice em manifestação contra o regime, cuja política econômica arrochava os salários e rebaixava as condições de vida.

Numa madrugada, Marquito examinou discretamente as instalações elétricas no local. Dias mais tarde, em um ensolarado 1º de Maio, milhares de manifestantes vaíram o governador. Quando o figurão da ditadura levou o microfone à boca, Marquito cortou os fios do sistema de som – e o aparato repressivo atacou a multidão.